

EIXO TEMÁTICO 5: EDUCAÇÃO PERMANENTE E FORMAÇÃO
UMA HERANÇA POSSÍVEL DE SUPERAR: RELATO DE EXPERIÊNCIA
SOBRE AS PERCEPÇÕES DO TRABALHO EM EQUIPE

Rafaela Gomes da Silva [1]

José Jailson de Almeida Júnior [2]

RESUMO

Trata-se de um relato de experiência sobre o trabalho em equipe vivenciado no PET-Saúde Interprofissionalidade. Em uma das instituições vinculada a esse programa, estudantes, professores e profissionais de saúde de quatro diferentes áreas constituíram um grande grupo. A finalidade do projeto foi de conhecer e colocar em prática os pressupostos da educação interprofissional e da interprofissionalidade. Nesse sentido, são apontadas, neste relato, as percepções acerca de como se deu o trabalho em equipe durante o período do projeto. Essa discussão foi dividida a partir de três eixos: divisão de tarefas, comunicação, e potencialidades. No eixo da divisão de tarefas é debatida a forma pela qual os estudantes se dividiam para a realização das atividades; na comunicação discute-se as dificuldades e implicações relacionadas à essa competência e os efeitos no trabalho em equipe; por fim, no eixo das potencialidades, destacam-se os elementos positivos desenvolvidos a partir do PET-Saúde Interprofissionalidade. Compreende-se, nessa perspectiva, que o trabalho em equipe permanece sendo uma competência que enfrenta dificuldades para ser efetiva. Por outro lado, a partir da proposta da educação interprofissional, a herança das práticas individualizadas pode ser superada pelo desenvolvimento de competências e habilidades para o trabalho em equipe. Espera-se, a partir das reflexões apresentadas, fortalecer a discussão acerca dessa temática.

DeCS: Educação Interprofissional.

INTRODUÇÃO

A Educação Interprofissional (EIP) representa a aprendizagem mútua entre uma ou mais profissões, e busca desenvolver competências colaborativas entre os estudantes, ainda na graduação, para que possam atuar em equipe de forma efetiva nas ações de saúde e melhorar a qualidade dos cuidados ofertados (CAIPE, 2002). Entre as competências preconizadas pela EIP, destacam-se: clareza de papéis, liderança, comunicação, mediação de conflitos, atenção centrada no paciente, e o trabalho em equipe. Nesse relato será dada

[1] Discente do 10º semestre do curso de Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Membro da Comissão Permanente de Interprofissionalidade da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi - FACISA. Bolsista do PET-Saúde Interprofissionalidade (2019-2021).

rafaela97gomes@gmail.com

[2] Enfermeiro, Doutor em Educação e Professor do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN. Membro da Comissão Permanente de Interprofissionalidade da Faculdade de Ciências da Saúde do Trairi – FACISA. Tutor do PET-Saúde Interprofissionalidade (2019-2021). jailsonjr@gmail.com

ênfase à última, o trabalho em equipe, a partir da vivência no Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET-Saúde), na edição Interprofissionalidade.

O PET-Saúde é uma iniciativa do Ministério da Saúde (MS), que contempla inúmeros municípios distribuídos pelo Brasil, a fim de qualificar o trabalho dos profissionais de saúde de forma articulada com estudantes e professores de graduação, e promover o fortalecimento das ações de ensino-serviço-comunidade (BRASIL, 2010). O PET-Saúde, na edição Interprofissionalidade, objetivou a implementação da EIP na formação e nas práticas em saúde do país, através da articulação entre as instituições de ensino e serviços de saúde. Nesse sentido, o projeto teve um caráter teórico-prático, no qual se conhecia as bases da educação interprofissional e da interprofissionalidade e, concomitantemente, se experienciava nos dispositivos de saúde a maneira pela qual esses aspectos se apresentavam ou poderiam ser estimulados.

O trabalho em equipe, dentro da noção da interprofissionalidade, tem sido estudado por autores como Peduzzi, Oliveira, Silva, Agreli e Neto (2016). Para esses autores, o trabalho em equipe “configura-se na relação recíproca, de dupla mão, entre as múltiplas intervenções técnicas dos variados profissionais e a interação desses agentes” (PEDUZZI et al., 2016, p.2). Nesse sentido, no que se refere à saúde, o trabalho em equipe consiste em uma estratégia no processo de assistência e cuidado integral à comunidade.

Em suma, o trabalho em equipe pressupõe a integração entre os profissionais, ou seja, uma interação entre os saberes, entre as trocas de experiências, o que possibilita a produção de práticas transformadoras que contribuam nos serviços de saúde e na atenção à população (BATISTA, 2012).

A origem do trabalho em equipe se deu a partir do movimento sanitário, em 1960, e ao longo desses anos essa temática tem sido cada vez mais estudada e repensada, bem como incorporada no processo formativo dos profissionais. Atualmente, no âmbito da interprofissionalidade, tem sido uma das estratégias utilizadas – em decorrência das mudanças do perfil sociodemográfico e epidemiológico da população, e, consequentemente, da necessidade de práticas em saúde mais efetivas (PEDUZZI et al., 2016).

Por essa razão, compreende-se que é importante que o trabalho em equipe seja estimulado desde a infância, com noções de cooperação e responsabilidades, bem como o respeito (WITTER, 1998). Isso porque não se desenvolve a competência do trabalho em equipe de um momento para o outro, dado que é necessária a construção de habilidades que possibilitem a sua efetividade. No entanto, sabe-se que desde a infância se estimula direta ou indiretamente o individualismo – e essa é uma herança possível de se superar.

Esse trabalho objetiva, nesse sentido, relatar as percepções acerca da competência do trabalho em equipe no Programa de Trabalho para a Saúde - Interprofissionalidade (PET-Saúde Interprofissionalidade), realizado em um município do interior do Rio Grande do Norte. Espera-se contribuir para a produção de conhecimento sobre o tema e difundir as experiências vivenciadas durante esse programa.

OBJETIVOS

- Apontar percepções relacionadas ao trabalho em equipe durante o PET-Saúde

Interprofissionalidade.

- Discutir as principais dificuldades observadas no trabalho em equipe durante o projeto.
- Discutir as potencialidades do trabalho em equipe estimuladas pelo programa.

MATERIAIS E MÉTODO

Trata-se de um relato de experiência sobre as percepções sobre o trabalho em equipe durante a execução do Pet-Saúde Interprofissionalidade. Essa edição do PET-Saúde se deu entre 2019 e 2021, e as percepções aqui discutidas se referem a um dos projetos vinculados nesse programa, mais especificamente em uma instituição localizada no interior do Rio Grande do Norte. Esse projeto foi constituído por aproximadamente 80 integrantes, divididos entre professores, estudantes e profissionais de saúde de quatro diferentes cursos.

Assim, esse relato de experiência busca situar as percepções relacionadas ao trabalho em equipe, entre os estudantes, durante a vigência desse projeto, e articular essas percepções com as ideias discutidas na literatura sobre o tema. Nesse sentido, as percepções foram organizadas a partir de três eixos: *divisão de tarefas*, em que se apresenta a prática comum entre os estudantes e a discussão sobre ela; *comunicação*, na qual se discute especificamente as dificuldades observadas e as implicações no trabalho em equipe; e *Potencialidades*, onde se destacam os potentes elementos estimulados a partir da proposta da educação interprofissional.

Compreende-se que, no âmbito da interprofissionalidade, estudos sobre o trabalho em equipe vem sendo publicados paulatinamente, e por isso a produção de material sobre o assunto tem se atualizado recentemente. Nesse sentido, busca-se contribuir na literatura sobre o tema a partir dessa experiência e as reflexões suscitadas por ela.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A vivência de trabalho em equipe perpassa por situações desafiadoras, principalmente no que se refere à falta de cooperação entre a equipe de trabalho e à falta de adoção de responsabilidades individuais e coletivas. Essa realidade é fruto de uma educação que desde o ensino fundamental já estimula a competição (PALMIERI; BRANCO, 2007), e respinga nas universidades, sendo inevitável não refletir na futura atuação profissional.

Não obstante, durante a realização do PET-Saúde Interprofissionalidade essas dificuldades também foram evidenciadas. A seguir serão discutidas as percepções sobre o trabalho em equipe a partir da vivência nesse projeto e suas potencialidades.

Divisão de Tarefas

No PET-Saúde Interprofissionalidade eram continuamente propostas atividades em grupo, já que a ideia do PET-Saúde Interprofissionalidade era atravessada pelo estímulo do trabalho em equipe.

Para a realização dessas tarefas os estudantes precisavam se organizar nos grupos e estruturar a forma de trabalho. A forma pela qual os estudantes dividiam as tarefas não era muito diferente da que é observada cotidianamente nas instituições de ensino: cada um produzia uma parte e depois as partes eram reunidas. Nesse sentido, na maioria das vezes, alguém “liderava” e decidia como dividir essas tarefas, e cada um, individualmente, realizava uma parte. Nessa situação era comum que o produto final do trabalho se tornasse um “frankenstein”, ou seja, pedaços distintos e desconexos reunidos.

Assim, compreende-se que esse tipo de conduta não pode ser considerada como uma forma de trabalho em equipe propriamente dita, mas um trabalho individual, em que um não reconhece o que o outro realiza, e no final todas as partes são apenas agrupadas. Pode-se acrescentar ainda que se refere inclusive a uma produção alienadora, em que cada um nem mesmo se reconhece na parte individual que está produzindo, principalmente por não estar a par do todo do processo.

Destaca-se, como aponta Araújo e Rocha (2007), que o trabalho em equipe objetiva a reinvenção da prática de um profissional a partir da prática do outro, e isso só é possível a partir da colaboração mútua entre eles.

Além disso, quando parte do grupo não se empenha no processo, isso pode sobrecarregar a outra parte da equipe para a conclusão da atividade. Um dos principais comentários que se ouve sobre o trabalho com outros colegas é que “*existe uma parte que produz tudo e outra que não produz nada*”. Aqui não se trata de evidenciar uma competição, mas uma preocupação, uma vez que, na atuação em saúde, isso representa a fragmentação do cuidado.

Nesse sentido, é necessário que se estimule o desenvolvimento de habilidades para lidar com as dificuldades do trabalho em equipe. E é nessa perspectiva que a educação interprofissional busca o desenvolvimento de competências e habilidades, desde o processo formativo na graduação e continuamente durante a atuação profissional, a fim de que os colegas de equipe consigam lidar com os conflitos e articulem as ações de forma colaborativa (PEDUZZI et al., 2013; COSTA, 2018).

Comunicação

Um dos aspectos imprescindíveis no trabalho em equipe se refere a uma comunicação limpa, em que as informações sejam compreendidas por todos, sem ruídos, e que seja realizada de forma assertiva (IPEC, 2016). No entanto, é na comunicação onde se observa mais desafios.

Em uma das atividades realizadas no PET-Saúde Interprofissionalidade, especificamente no Núcleo de Apoio à Saúde da Família (NASF), essa dificuldade foi evidenciada. A atividade foi dividida em cinco etapas, e todos os estudantes deveriam participar de cada uma delas. Além disso, era necessária a realização de tarefas durante essas etapas, ou seja, não se tratava de uma participação apenas no nível da observação, e as etapas eram interdependentes.

Em decorrência dos horários disponíveis de cada aluno, dado que faziam parte do grupo os estudantes de quatro cursos distintos, tornava-se difícil a reunião presencial e muitas questões eram discutidas e resolvidas no grupo particular do *WhatsApp*. No entanto,

nem todos conseguiram compreender e acompanhar as informações e as tarefas discutidas nesse aplicativo. Assim, as tarefas de cada etapa não foram realizadas como planejado e isso impactou no processo e no produto final proposto no início da atividade.

É importante dar destaque ao fato de que a finalidade da atividade não pode ser apenas a sua realização, mas saber à que propósito serve a sua realização. No âmbito da saúde, dentro dos pressupostos da interprofissionalidade, não se pode perder de vista que o foco deve ser sempre as necessidades do paciente (PEDUZZI et al., 2016) e, para tanto, a equipe precisa estar em constante comunicação e colaboração.

Ainda sobre a comunicação, uma significativa dificuldade foi observada em momentos em que se precisava passar informações ou sanar dúvidas. Isso porque, ao longo da trajetória de atividades em grupo, o que incluiu os conflitos, existia um receio de transmitir a mensagem e que esta fosse compreendida de forma ofensiva pelo receptor. Com o andamento do projeto, esse tipo de dificuldade passou a ser superada a partir do diálogo e da comunicação assertiva estimulada pelos tutores do programa.

Ainda, no âmbito da interprofissionalidade, a dificuldade de comunicação também pode interferir na clareza de papéis, ou seja, em reconhecer o papel do outro na tarefa. Segundo Peduzzi et al. (2016), é necessário que no dia a dia haja tempo para que a equipe possa conhecer o papel do outro, o que, devido à crescente demanda de atividades, nem sempre é possível – e aqui reitera-se a dificuldade de encontrar horários comuns para um debate assertivo acerca das atividades que precisam ser cumpridas.

Potencialidades

Aponta-se como potencialidade do programa o desvelamento das dificuldades apresentadas em relação ao trabalho em equipe, bem como isso representa a individualização e a fragmentação do cuidado na prática. Assim, o projeto ofereceu recursos e estratégias para superar esses desafios.

À medida em que as situações supracitadas aconteciam, a partir da mediação e discussão com os tutores e demais participantes do projeto, os estudantes foram estimulados a perceber os aspectos limitadores e a construir coletivamente maneiras de lidar com essas dificuldades. E, assim, a forma pela qual os estudantes trabalhavam juntos aproximou-se cada vez mais da proposta do trabalho em equipe propriamente dito.

As bases teóricas oferecidas desde o início do programa acerca da EIP e da interprofissionalidade foram imprescindíveis para que se reconhecesse na prática os elementos do trabalho em equipe, e os desafios que o atravessava. Nesse sentido, a vivência teórico-prática característica do PET-Saúde Interprofissionalidade configurou-se como uma potente estratégia formativa para estudantes, professores e profissionais, e na implantação da EIP nas redes de ensino e serviços de saúde.

Segundo Peduzzi et al. (2016, p.07), é necessário pensar e “identificar conceitos, métodos e processos de ensino e aprendizagem voltados para o desenvolvimento das competências necessárias à atuação profissional integrada”. Nessa perspectiva, é preciso que se reflita sobre o processo formativo dos profissionais, a fim de promover uma formação que estimule o trabalho em equipe e, principalmente, que ela se dê no âmbito da interprofissionalidade. O fortalecimento da EIP nas instituições é uma estratégia para

alcançar essa realidade, e essa semente foi plantada pelo PET-Saúde Interprofissionalidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender a importância do trabalho em equipe é pensar muito além do produto final, e sim no que se produz nesse processo.

Trabalhar em equipe possibilita que várias ideias de diferentes mentes se articulem e resultem em um produto coletivo. Esse produto aplicado no âmbito da saúde pode representar um cuidado mais integral e mais acessível à comunidade, além de ser mais resolutivo.

Nesse sentido, reitera-se que um trabalho em equipe bem articulado, tende a beneficiar à população assistida nos serviços de saúde, ou seja, tende a modificar o modelo individual de atendimento e fortalecer a integralidade do cuidado.

As vivências proporcionadas pelo PET-Saúde Interprofissionalidade no que se refere ao trabalho em equipe evidenciaram principalmente os desafios dessa competência, mas muito além disso: destacaram as suas potencialidades.

Apesar do estímulo precoce à individualização, compreende-se que estratégias como as propostas pela EIP podem superar uma herança de trabalho fragmentado e alcançar um trabalho integrado entre as equipes. O PET- Saúde Interprofissionalidade pode ter aberto as portas para o desenvolvimento dessas estratégias nas instituições, caberá ao estudantes, professores e profissionais da rede de saúde mantê-las abertas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, M. B. S.; ROCHA, P. M. Trabalho em equipe: um desafio para a consolidação da estratégia de saúde da família. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 12, n. 2, p.455-464, 2007. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S1413-81232007000200022>>.

BATISTA, N. A. **Educação Interprofissional em Saúde: Concepções e Práticas**. Caderno FNEPAS, v. 2, 2012.

BRASIL. Ministério da Saúde. Gabinete do Ministro. Portaria Interministerial nº 421, de 3 de março de 2010. Institui o Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde (PET Saúde) e dá outras providências. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2010.

CAIPE. **Interprofessional Education: Today, Yesterday and Tomorrow**. United Kingdom: Centre for The Advancement of Interprofessional Education – CAIPE. Disponível em: <https://www.caipe.org/resources/publications/caipe-publications/caipe-2002-interprofessional-education-today-yesterday-tomorrow-barr-h>

COSTA, M. V.; PEDUZZI, M.; FREIRE FILHO, J. R.; SILVA, C. B. G. **Educação Interprofissional em Saúde**. Natal: SEDISUFRN, 2018.

IPEC. Interprofessional Education Collaborative. **Core competencies for interprofessional collaborative practice**: 2016 update. Washington, DC: Interprofessional Education Collaborative, 2016.

PALMIERI, M. W. A.; BRANCO, A. U. Educação infantil, cooperação e competição: análise microgenética sob uma perspectiva sociocultural. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 11, n. 2, p.365-378, 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-85572007000200014>

PEDUZZI, M.; NORMAN, I. J.; GERMANI, A. C. C. G.; SILVA, J. A. M.; SOUZA, G. C. Educação interprofissional: formação de profissionais de saúde para o trabalho em equipe com foco nos usuários. **Revista da Escola de Enfermagem da Usp**, v. 47, n. 4, p. 977-983, 2013.

PEDUZZI, M.; OLIVEIRA, M. A. C.; SILVA, J. A. M.; AGRELI, H. L. F.; MIRANDA NETO, M. V. Trabalho em equipe, prática e educação interprofissional. In MARTINS, M. A; CARRILHO, F. J.; ALVES, V. A.; CASTILHO, E. A.; CERRI, G. G.; WHEN, C. L. **Clínica médica: atuação da clínica médica, sinais e sintomas de natureza sistêmica, medicina preventiva, saúde da mulher, envelhecimento e geriatria**. Barueri: Manole, 2016.

WITTER, G. P. Trabalho em equipe. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 2, n. 2, p. 187-189, 1998. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85571998000200014>